

FORMA E ACELERAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A COMUNICAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

FORM AND ACCELERATION: REFLECTIONS ON COMMUNICATION IN CONTEMPORARY

Caio Teruel¹

Resumo: O presente artigo parte de uma hipótese em que relaciona os aspectos formais do texto jornalístico com algumas das bases da teoria da aceleração social do tempo do teórico alemão Hartmut Rosa, a aceleração tecnológica e das mudanças sociais. Em um primeiro momento se analisa as mutações da forma textual jornalística ao longo da história por meio das capas de jornal e sua relação com as alterações estruturais da sociedade industrial para a pós-industrial. Em um segundo momento, o texto se debruça sobre as consequências trazidas pela forma textual e sua possível relação como parte da aceleração social do tempo.

Palavras-Chave: Forma; Jornalismo; Aceleração Social do Tempo.

Abstract: This article starts from a hypothesis in which it relates the formal aspects of the journalistic text with some of the bases of the theory of social acceleration of time by the German theorist Hartmut Rosa, technological acceleration and social changes. At first, the changes in journalistic textual form throughout history are analyzed through newspaper covers and their relationship with structural changes from industrial to post-industrial society. In a second moment, the text focuses on the consequences brought by the textual form and its possible relationship as part of the social acceleration of time.

Keywords: Shape; Journalism; Social Acceleration of Time

O DEBATE

Em 1964, Marshall McLuhan cunhava em seu *livro Os meios de comunicação como extensão do homem* o aforismo que mais tarde o deixaria mundialmente conhecido: o meio é a mensagem. Em apenas cinco palavras o teórico canadense reinventava o olhar para os meios de comunicação e inaugurava, através de seu modo propagandístico de teorizar, uma outra vertente de análise da comunicação. McLuhan inverteu a questão e dos fins se questionou sobre o meio, isto é, desconsidera – no âmbito proposto da análise – o produto final e indaga o meio, a plataforma, os sentidos

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e bacharel em jornalismo pela mesma instituição. Desenvolve pesquisas que versam com a Teoria da Aceleração Social do tempo de Hartmut Rosa e os impactos do fenômeno na comunicação contemporânea com foco nos meios jornalísticos – caioteruel05@gmail.com

causados e trazidos. Ao definir a TV como um meio quente, McLuhan não debate sobre o conteúdo captado pelas antenas, mas sobre como o objeto altera a rotina dos indivíduos, sobre o uso social que se faz da TV. O meio é a mensagem porque também é o conteúdo e essa ideia nunca esteve tão atual.

Neste mesmo sentido conceitual, Michael Schudson, um importante sociólogo norte-americano e teórico do jornalismo, em sua obra *Descobrimo a Notícia: Uma história social dos jornais nos Estados unidos*, relata a transformação que a inserção da eletricidade trouxe no transporte público estadunidense.

Tomar um daqueles ônibus ou bondes era uma experiência nova. Pela primeira vez na história humana, gente além da classe muito abastada podia, como parte de sua vida cotidiana, andar em veículos por cuja condução não eram responsáveis. Seus olhos e suas mãos estavam livres; podiam ler no ônibus (SCHUDSON, 2010, p. 123).

A eletricidade que transforma o modo de consumo jornalístico nos ônibus altera a percepção, a capacidade de concentração em uma notícia e sua absorção pelos indivíduos. Deste modo, o jornalismo se desenvolve no tecido simbólico das produções humanas, ao passo que impacta diretamente nas ações individuais, constituindo-se deste modo, por uma base cultural nas ditas sociedades industriais.

Embora sua origem possa ser contestada e assim, remorada a tempos da baixa idade média, a produção como se conhece hoje atinge seu ápice com a industrialização das metrópoles e com as grandes revoluções dos séculos XVIII E XIX. Neste sentido, a forma jornalística evolui em termos estruturais, alterando-se com o passar do tempo, incluindo certos elementos e excluindo outros.

Para uma definição conceitual sobre a forma jornalística, entende-se em comum acordo com Betânia (2010, p. 09) que

recorre-se à teoria do conhecimento, herdeira da tradição aristotélica, para pensar a forma da informação jornalística como a “estrutura” que se opõe à matéria que ela “enforma”, no ato mesmo em que “forma” o objeto cognoscível, o qual se apreende por sua “constância” e identidade [...] É uma reflexão sobre a emergência do sentido que implica ressaltar a importância da interação e destacar a performatividade vivenciada dialogicamente por jornal e leitor.

A autora continua

assim sendo, a forma que advém do arranjo plástico e rítmico e que organiza os módulos informativos verbais e não-verbais do jornal ancora-se em modos culturais e cognitivos de apreensão da composição apresentada ao leitor como espaço sinóptico, isto é, como conjunto verbo-visual sincronizado. Tendo em conta os aspectos estéticos e morais, implicados na experiência in-formativa do jornal, vinculamos a nossa reflexão à proposição de Herman Parret de que “crenças têm o poder de competir com as impressões, conferindo-lhes uma influência análoga sobre as paixões” (2010, p. 10).

Assim, a hipótese central do presente texto gira em torno da premissa de que a aceleração social do tempo² encontra na forma do texto jornalístico noticioso um terreno fértil para a continuação do círculo aceleratório conceituado por Rosa (2019), que por sua vez ecoa no tecido social que alimenta o processo. A dinâmica aceleratória se mantém ativa, e no âmbito jornalístico fomentada pela própria forma textual.

Embora estas páginas atentem a deter-se em grande parte em tais aspectos de forma, entende-se como basilar compreender os modos de atuação do próprio jornalismo para a relação de mão dupla com a aceleração. Ou seja, a forma contribui ativamente, partindo do ponto de vista sociocultural para o fenômeno aceleratório, e neste sentido a discussão aqui proposta se justificava. É, claramente, possível analisar outros modos de atuação jornalística para a aceleração, como a hierarquia das indústrias jornalísticas, a lógica do capitalismo de vigilância aplicada ao campo, dentre tantas outras, todavia, faz-se uma escolha para a continuação do trabalho aqui proposto.

A FORMA

Assim, partindo da sociologia da literatura apresentada por Antonio Candido (2006), ao analisar os modos possíveis de relação entre forma do texto literário e sociedade, ou seja, entre obra e condicionamento social, o crítico literário delimita seis concepções possíveis de análise entre esses dois eixos. Dentre todas elas, apenas duas interessa para a concepção da argumentação da hipótese aqui apresentada, isto é, 1) a

² Para Hartmut Rosa, a aceleração social do tempo se manifesta como a percepção da escassez temporal frente ao avanço não apenas da tecnologia, como o crescimento das demandas sociais. Para ele, “A sociedade moderna pode ser entendida como ‘sociedade da aceleração no sentido que ela contém em si (através de inúmeros pressupostos estruturais e culturais uma junção de ambas as formas de aceleração – técnica, ritmo da vida e mudança social através da redução de recursos temporais – e da tendência à aceleração e ao crescimento (ROSA, p.135, 2019)

relação do texto jornalístico com as condições sociais; e 2) os modos de representação da sociedade por meio do texto jornalístico.

Ao desenvolver suas ideias sobre forma e sociedade, Candido não apresenta uma metodologia sistematizada ou chaves de análise claras sobre como realizar tal leitura do texto literário, ou no caso em específico destas páginas, jornalístico. Portanto, a partir de suas ideias gerais, há de se avançar aqui em algumas hipóteses sobre a maneira que a aceleração temporal se materializa no texto jornalístico. Neste sentido, Roberto Scharwz (2012) aponta que

a forma — que não é evidente e que cabe à crítica identificar e estudar — seria um princípio ordenador individual, que tanto regula um universo imaginário como um aspecto da realidade exterior. Em proporções variáveis, ela combina a fabricação artística e a intuição de ritmos sociais preexistentes (p. 48).

A forma, que se constrói nas páginas de jornal ao longo do tempo, e que por meio da visão materialista, absorve os ritmos sociais, se transforma em um âmbito tanto de representação do social quanto em uma forma que se adapta a lógica hegemônica. Assim, a forma jornalística deve-se por fim ser analisada brevemente, tendo em vista o foco principal do trabalho, por meio de um recuo histórico, e como já visto em páginas anteriores, através das primeiras páginas do jornal impresso em um primeiro momento, e depois no campo do jornalismo online.



Figura 1- Folha da Manhã - 01/03/1921

Na primeira página do jornal Folha da Manhã, do dia 1º de março de 1921, o periódico traz dez chamadas em sua capa. Embora a legibilidade e a legibilidade de parte de tais chamadas e textos sejam comprometidas pelo próprio tempo de existência do papel, percebe-se o tamanho incomum quando comparado com as primeiras páginas dos dias atuais. A forma jornalística aqui apresentada se expande e se alonga por todo o diâmetro possível da folha.

À época, o contexto social, o desenvolvimento do Brasil e o consumo se dava em uma outra dinâmica. O próprio texto jornalístico existia sob uma outra lógica, isto é, a urgência da notícia, o lead, e por consequente, a brevidade do relato não existiam. O próprio tempo de consumo do texto se pautava de modo completamente distinto dos dias que correm.



Figura 2- Folha de São Paulo - 05/10/1990

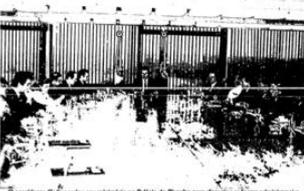
Com o avançar da história, a ascensão de novas tecnologias, ou seja, a aceleração tecnológica para Hartmut Rosa (2019) e suas sucessivas evoluções e revoluções, propiciou à cobertura jornalística se ampliar, tornando-se base das ditas democracias modernas. Décadas a frente, na primeira página da Folha de São Paulo do dia 5 de outubro de 1990, o contraste com a capa anterior é nítido. Aqui se vê mais fotografias, os textos se multiplicam, somando ao todo 19 chamadas, para notícias, reportagens e colunas de opinião. Como aponta Barthes (2000) partindo de uma inversão histórica sobre as imagens, na contemporaneidade “a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem”.

CORTESIA PARA DIRETORIA

FOLHA DE S. PAULO

Diretor de Redação: Cláudio Fróis Filho • São Paulo, quinta-feira, 10 de maio de 1990 • Um jornal a serviço do Brasil • Ano 70 • N.º 22.517 • Al. Barão de Limeira, 145 • R\$ 30,00

Inflação volta e atinge 3,29% em SP



Presidência
O presidente Collor reúne seu ministro no Palácio do Planalto para discutir a reforma administrativa.

A Folha antecipou ontem que a inflação voltaria a subir. A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) divulgou ontem que a inflação em São Paulo voltou a subir, atingindo 3,29% em março. Foram comparados preços de 30 itens em março de 1989 com os de março de 1990. O índice é acumulado em relação ao mesmo período de 1989. O índice é acumulado em relação ao mesmo período de 1989. O índice é acumulado em relação ao mesmo período de 1989.

Usiminas tem prioridade na privatização

A primeira estatal que o governo colocará à venda deve ser a Usiminas. A empresa é uma associação entre a Brisa e a antiga Usiminas. Ninguém sabe, atualmente, a empresa da Usiminas. A privatização da Usiminas deve ocorrer em 1990. Pág. B-8

BC busca fraudes na transferência de NCz

O Banco Central determinou que os pagamentos de dividendos sejam feitos em nome do NCZ 200 mil ações de transferência de titularidade de ações de NCZ. O objetivo é evitar fraudes. Pág. B-7

Justiça leva até 20 anos em processos

Advogados avaliam em três anos o tempo médio de conclusão de um processo no judiciário brasileiro. O presidente do OABSP, José Inácio, diz que a justiça leva até 20 anos para julgar um processo. Pág. C-1

Na Albânia, pacote prevê liberalização

A Albânia aprovou ontem um pacote de reformas econômicas. O pacote prevê a liberalização da economia. Pág. A-17

Declaração do IR pode ser entregue no correio

O governo quer que a declaração de imposto de renda seja entregue no correio. Pág. B-9

Inamps tem 29ª morte na fila em Minas

O projeto de lei do Inamps em Minas Gerais prevê a criação de 29 vagas para a fila de espera. Pág. C-3

Camara agiliza votação para ter espaço na TV

O Congresso decidiu agilizar a votação das leis para ter mais espaço na TV. Pág. A-12

BC busca fraudes na transferência de NCz

O Banco Central determinou que os pagamentos de dividendos sejam feitos em nome do NCZ 200 mil ações de transferência de titularidade de ações de NCZ. O objetivo é evitar fraudes. Pág. B-7

Justiça leva até 20 anos em processos

Advogados avaliam em três anos o tempo médio de conclusão de um processo no judiciário brasileiro. O presidente do OABSP, José Inácio, diz que a justiça leva até 20 anos para julgar um processo. Pág. C-1

Na Albânia, pacote prevê liberalização

A Albânia aprovou ontem um pacote de reformas econômicas. O pacote prevê a liberalização da economia. Pág. A-17

Declaração do IR pode ser entregue no correio

O governo quer que a declaração de imposto de renda seja entregue no correio. Pág. B-9

Inamps tem 29ª morte na fila em Minas

O projeto de lei do Inamps em Minas Gerais prevê a criação de 29 vagas para a fila de espera. Pág. C-3

Usiminas tem prioridade na privatização

A primeira estatal que o governo colocará à venda deve ser a Usiminas. A empresa é uma associação entre a Brisa e a antiga Usiminas. Ninguém sabe, atualmente, a empresa da Usiminas. A privatização da Usiminas deve ocorrer em 1990. Pág. B-8

BC busca fraudes na transferência de NCz

O Banco Central determinou que os pagamentos de dividendos sejam feitos em nome do NCZ 200 mil ações de transferência de titularidade de ações de NCZ. O objetivo é evitar fraudes. Pág. B-7

Justiça leva até 20 anos em processos

Advogados avaliam em três anos o tempo médio de conclusão de um processo no judiciário brasileiro. O presidente do OABSP, José Inácio, diz que a justiça leva até 20 anos para julgar um processo. Pág. C-1

Na Albânia, pacote prevê liberalização

A Albânia aprovou ontem um pacote de reformas econômicas. O pacote prevê a liberalização da economia. Pág. A-17

Declaração do IR pode ser entregue no correio

O governo quer que a declaração de imposto de renda seja entregue no correio. Pág. B-9

Inamps tem 29ª morte na fila em Minas

O projeto de lei do Inamps em Minas Gerais prevê a criação de 29 vagas para a fila de espera. Pág. C-3

Figura 3 -Folha de São Paulo - 10/05/1990

Um outro exemplo, ainda da década de 1990, mais exatamente do dia 10 de maio, desvela uma outra configuração. Cinco imagens captam a atenção do leitor e a dissolve em outras 16 chamadas. Os textos, já curtos, se comprimem mais. Deste modo, ao compreender o fenômeno da aceleração social do tempo na forma jornalística neste percurso aqui realizado, percebe-se que tanto a aceleração das mudanças sociais quanto a aceleração técnica impulsionam o jornalismo para o círculo da aceleração proposto por Hartmut Rosa (2019)

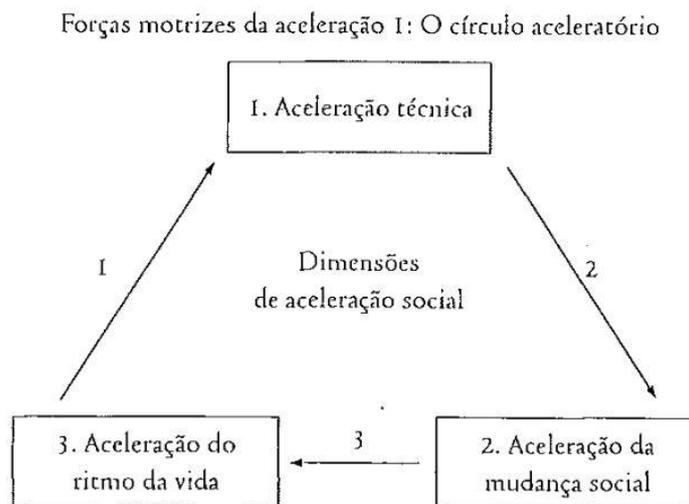


Figura 4 - O círculo aceleratório proposto por Rosa (2019)

Deste modo, quando se adentra ao jornalismo digital, a lógica da aceleração amplia o seu campo de atuação ao mesmo tempo em que se potencializa, tendo em vista a configuração técnica existente e a facilidade para a circulação de informação. De acordo com Prazeres e Ratier (2020, p. 87)

assim como em outras dinâmicas sociais da contemporaneidade, o processo de produção simbólica jornalística está indexado pela aceleração social do tempo (ROSA, 2010) e pelo excesso de informações. Especialmente o jornalismo em ambientes digitais se encontra atravessado pelas lógicas da cultura relacionada às tecnologias, que o reconfiguram e mexem nas suas estruturas, incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos, bem como na periodicidade dos ciclos e nas dinâmicas mercadológicas da indústria da informação.

As reportagens, que muitas vezes fogem à regra do instantâneo e imediatista, se transformam, no âmbito jornalístico, em uma categoria de inércia, pois altera, no momento do consumo, o tempo, e muitas vezes o espaço. É necessário que se gaste um tempo maior, com um nível de concentração paralelamente maior e que se dialogue com o texto, absorvendo dele os dados e a narrativa, isto é, o cenário pelo qual se delimitam aquelas palavras.

Todavia, a reportagem não se classifica como gênero que espelha a sociedade da aceleração. Tal como o fluxo de consciência na literatura, a notícia expõe as características marcantes da sociedade atual, ou seja, breve, acelerada e efêmera, sempre prestes a ser substituída, e o exemplo mais claro disso é a constante atualização dos portais noticiosos de jornalismo online.

Em um vídeo³ comemorativo de 90 anos de existência, o jornal Folha de São Paulo afirma publicar diariamente mais de 600 links de notícias, não obstante, em sua versão impressa, o vídeo afirma que 384 textos são publicados diariamente por edição. No âmbito impresso, tais números refletem não apenas a produção exponencial noticiosa como também reportagens, colunas e outros gêneros e formatos jornalísticos. A surpresa reside justamente no formato online, na sua efemeridade e na sua produção exponencial noticiosa. Como questiona Caetano Veloso em *Alegria, Alegria* (1967), “quem lê tanta notícia?”.



Figura 5- Frame do vídeo comemorativo de 90 anos de existência do jornal Folha de São Paulo

A economia e a globalização, motores essenciais para não apenas se pensar a aceleração — principalmente nos termos propostos por Hartmut Rosa (2019) — como também a brevidade e a efemeridade dos relatos jornalísticos, se encontram na base do mundo contemporâneo, das relações sociais e da ressonância das sociedades com o mundo.

A comunicação, como ciência do comum e organizadora, se encontra imbricada na modernidade tardia como uma base essencial do mundo contemporâneo. Nas palavras de Muniz Sodré, proeminente teórico da comunicação e atual professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

o capitalismo financeiro e comunicação constituem hoje, no mundo globalizado, um par indissolúvel. O capitalismo contemporâneo é ao mesmo tempo financeiro e midiático: financeirização e mídia são as duas faces de uma moeda chamada sociedade avançada [...] (SODRÉ, 2014, p. 55).

³ Vídeo disponível em << <https://www.youtube.com/watch?v=3LujW-cYLjY> >>

E o autor complementa

ficcionalizando ou virtualizando o real em função da atualidade histórica do capital, o par comunicação/informação contribui, portanto, para naturalizar o mercado financeiro como base da aceleração do desenvolvimento econômico e como fonte de ideologia capitalista do bem-estar humano na atual etapa da penetração da lei estrutural do valor (o capital) em todos os espaços existenciais dos indivíduos (SODRÉ, 2014, p. 56).

Os atuais meios de apropriação da comunicação pelo sistema econômico norteiam, por fim, tanto a produção noticiosa quanto a dinâmica de consumo e neste sentido, sua conseqüente aceleração.

DA FORMA DO TEXTO PARA A VIDA: O ETERNO PRESENTE

Embora já bastante citada, a máxima de Marx sobre a liquidez dos fatos, das religiões, e suas conseqüentes transformações não se deixa envelhecer. Pelo contrário, ao avançar da história, percebe-se claramente a força com que tal ideia ainda ecoa e se manifesta nas sociedades. Da economia à cultura, a transformação constante e veloz de ações, fenômenos, ideologias e outras camadas sociais, demonstram por fim a validade da frase impressa em O Manifesto Comunista.

Bermann, crítico de arte, em seu clássico Tudo O Que É Sólido Desmancha No Ar (2007), busca em obras da literatura mundial respostas e características do espírito da modernidade que urgia no século XIX e XX. O autor esmiúça desde O sofrimento do jovem Werther, de Goethe, como também o próprio Manifesto Comunista de Marx, os poemas de Baudelaire e o subdesenvolvimento em Dostoievsky. Deste modo, em cada obra Bermann encontra fragmentos do espírito da modernidade e o vai reconstruindo pouco a pouco. Para ele

o turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, e acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos

caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades (2007, p. 25)

Deste modo, os sistemas dinâmicos de comunicação se obrigam a se desenvolverem conforme o ritmo social, em face da constante fragmentação, estar presente e ativo 24/7, para usar das ideias de Crary (2016), se faz necessário. O furo jornalístico, dar a notícia primeiro e chegar na frente, mas não apenas isso se torna imperativo. A narrativa que se constrói por meio do discurso jornalístico articula diversas ferramentas que dada a enunciação, constroem o presente, e na repetição exaustiva ao longo de um dia, transformam as notícias em um presente *ad infinitum*.

Antunes (p. 27, 2017), ao analisar a produção do acontecimento jornalístico, afirma que “o ‘presentismo’ teria raízes em um fenômeno de percepção difusa da diminuição do sentido histórico em favor de um horizonte restrito somente ao presente”. Tal afirmação, caminha ao lado do que Castells chama de tempo intemporal, no sentido perceptivo do tempo. E ao lado do que Rosa (p. 577, 2019) afirma ser a destemporalização da vida, isto é, a “desinstitucionalização do percurso de vida” e o abandono da identidade estável por um projeto de vida que se faz instável.

Ao fim, o desenvolvimento de uma subjetividade que se baseia constantemente no momento, ao passo que encurta o presente, provoca no consumo jornalístico o sentido de imediaticidade do “tempo real”. Antunes continua

muitas vezes associado à dinâmica dos meios de comunicação e seu fluxo ininterrupto e dantesco de informações que vincularia os indivíduos a uma imediaticidade[...] o elemento chave é a formação de um hábito cultural marcado pelo choque e pela repetitividade (2017, p. 27).

O autor parte da hipótese que o ‘presentismo’ é um fenômeno derivado da ausência de critérios para associação no que tange ao relato jornalístico. Para ele, “a temporalidade é tomada como um mero dispositivo de ativação da atualidade da notícia pela sua equivalência com o presente histórico”. Deste modo, a ideia de passado, presente e futuro, adentra em um vórtice de reconfiguração, pois tais parâmetros se chocam e desenvolvem em si uma crise de percepção temporal destes marcos. As

certezas que se assentavam em tais marcos históricos (passado, presente e futuro) se chocam no ambiente midiático-jornalístico e trazem novas dinâmicas e configurações. Hartmut Rosa (2019), ao analisar o processo de destemporalização da vida, sintetiza no âmbito principalmente das auto relações subjetivas, o estado de impermanência.

a notícia, ao contrário, fia-se em uma “visão superficial do mundo proposta pelas mídias, na qual não há nenhuma duração, nenhuma (ou quase nenhuma) perspectiva quanto ao passado, nenhuma (ou insignificante) projeção para o futuro.” A notícia não tem nenhuma espessura temporal mas simula tal condição por meio do “blefe” da narrativa, que insere o processo de conversão do acontecimento em notícia “numa interrogação sobre a origem e o devir” (ANTUNES *apud* CHARAUDEAU, 2006, p.135).

A notícia, em sua forma tanto clássica, quanto contemporânea, é a síntese do que Rosa chama de destemporalização da vida. Isso, portanto, se aplica no entendimento subjetivo. Para o sentido histórico, Rosa contempla no conceito de destemporalização da história justamente a perda do sentido da ideia de progresso, a desorientação política “em função do ritmo de transformação acelerado” (p.577, 2019).

Assim, é possível refletir sobre as bases de construção do sentido de atualidade trazidas pelo discurso jornalístico conforme aponta Franciscato (2002) em contraponto ao cenário de aceleração social do tempo esmiuçado por Rosa (2019). Para o autor brasileiro, a instantaneidade, a periodicidade, a simultaneidade, a novidade e a revelação pública são bases sócio-históricas essenciais para o sentido de atualidade. Todavia, tais bases se agarram não ao entendimento subjetivo, mas à compreensão de fenômenos sociais que, em correlação, definiram historicamente o que seria a atualidade para a deontologia jornalística. Em seu trabalho denominado *Atualidade no jornalismo - uma investigação de suas fundações teóricas*, o autor relata o processo de aceleração social como uma característica à sua concepção contemporânea de atualidade no jornalismo.

Franciscato, ao descrever os modos de materialização do fenômeno da aceleração social no processo jornalístico, acaba por fazer uso apenas da questão tecnológica e material, deixando de lado reflexões sobre os possíveis efeitos dessa aceleração na constituição da subjetividade dos leitores. Todavia, era justamente dessa questão que as empresas jornalísticas se beneficiavam no século XIX e XX que viriam no séc. XXI a ter que se reinventar pela mesma questão. “As organizações jornalísticas, já transformadas em empresas com seus ritmos industriais e de administração do tempo,

experimentavam de forma específica esta ênfase à velocidade e à aceleração dos processos produtivos” (FRANCISCATO, 2002, p. 153).

Desse modo, no campo da subjetividade, Dalmonte (2010) parte de Agostinho e Ricouer para compreender o triplo presente pelo qual é formada a narrativa jornalística. De acordo com o autor mineiro, o entendimento de Santo Agostinho sobre a tríade do presente, sendo ela o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras forma a base da narrativa jornalística. A saber

o presente das coisas passadas refere-se à concepção histórica, que, em sentido amplo, deve ser revisitada, pois é a historicidade dos fatos que agrega sentido, atualizando o ocorrido, que pode ser apresentado e reinvestido de significados. O presente das coisas presentes é o fato enquanto tal; é o anúncio ou apresentação de um acontecimento. O presente das coisas futuras refere-se à influência no porvir que o acontecimento narrado pode fazer ressoar (DALMONTE, 2010, p.339).

Seja qual for o caminho tomado para compreender a relação intrínseca entre produção jornalística e tempo presente, discussões de cunho filosóficos surgem para justamente dar dimensão não apenas prática e material, mas subjetiva e abstrata àquilo que costumeiramente chama-se tempo.

O “presentismo”, por sua vez, em uma relação mútua, desenvolve-se e ampara-se na sociedade da aceleração social do tempo. O próprio entendimento de *declives escorregadios* apresentado por Hartmut Rosa elucida o fenômeno pelo qual se materializa a necessidade de se estar em uma constante atualização. Embora ambos os entendimentos se direcionem para objetos específicos, é possível compreender que em uma sociedade onde a atualização dos desejos, dos fatos e dos saberes é urgente cada vez mais, o “presentismo” se torna uma característica, uma consequência iminente. Nada, portanto, mais natural, que a extensão dessa consequência para o campo noticioso, onde ocorre a mediação dos acontecimentos e a produção do simbólico.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da teoria literária de Antonio Candido e Roberto Schwarz para compreender a dinâmica intrínseca entre forma literária e sociedade, pensa-se nestas páginas a própria forma jornalística e sua dinâmica com a aceleração social do tempo

explicitada pelo teórico alemão Hartmut Rosa. Tal hipótese, explorada brevemente neste texto, acenou para caminhos não traçados que demonstraram grande potencial teórico e empírico.

Neste sentido, o recuo histórico para apreender nas primeiras páginas de jornal a transformação da forma jornalística se mostra não apenas eficaz para captar as mutações históricas, como propriamente exemplar, ao passo que materializa a forma jornalística e sua consequente aceleração pelo encurtamento do texto e pelo uso mais ostensivo de imagens.

Não obstante, o avanço para os meios digitais complexifica a situação e aponta para a aceleração como uma consequência de diversas outras acelerações, como a tecnológica e a das mudanças sociais. Isto é, a forma jornalística noticiosa responde as transformações dos ritmos sociais impostos pelas sociedades e suas mutações.

Ao desenvolver brevemente uma hipótese como a que se propõe estas páginas, questões afins de cunho filosófico ou sociológico acabam por se localizarem a margem, tendo em vista o caráter objetivo e um tanto quanto analítico que se tem. Todavia, uma das respostas mais elucidativas propostas aqui, isto é, a questão do presentismo, que se relaciona diretamente com a forma jornalística e a comunicação no mundo contemporâneo, parte em sua premissa de uma reflexão filosófica e histórica. O eterno presente enunciado pelos meios de comunicação, a efemeridade dos fatos e dos acontecimentos, circunscritos em um mundo globalizado e dominado pelo capital financeiro, que se reproduz por meio da produção e do consumo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, E. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 25–40, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/1997>. Acesso em: 31 maio. 2022.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

CRARY, J. 24/7: **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu editora, 2016.

DALMONTE, Edson Fernando. **Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos**. História [online]. 2010, v.29, n.1, p.328-344. ISSN 1980-4369. <https://doi.org/10.1590/S0101-90742010000100019>

MOURA, Maria Betânia do Socorro. **Por uma teoria do formato jornalístico: reflexões sobre o jornal como sujeito semiótico**. Tese em Comunicação social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

PRAZERES, Michele. RATIER, Marcos. **O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 86-95, Jan./jun. 2020.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: Notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.